

Os Novos Movimentos Sociais em Touraine e Melucci

André de Melo Santos*

Os movimentos sociais têm sofrido mudanças nos últimos anos influenciados pelas transformações ocorridas na sociedade capitalista. Para autores como Touraine e Melucci, os novos movimentos sociais têm como foco demandas específicas que surgiram na sociedade contemporânea, contudo essa denominação de novos, serve mesmo para explicar os movimentos ou é uma abordagem ideológica dos mesmos?

Desde os fins dos anos 1960, as mudanças que ocorreram na sociedade capitalista fez com que muitos autores analisassem essas transformações como uma sociedade pós-moderna (HARVEY, 2000). Ao contrário do que eles dizem, o que se altera não é a forma da sociedade e sim elementos dela, sendo que seu caráter moderno, capitalista, continua. A chamada sociedade pós-moderna é apenas uma nova fase da sociedade capitalista, marcada por mudanças parciais que não alteram sua essência. Desta forma com a ampliação do setor de serviços e a expansão do capital transnacional nos países subordinados é interpretada com o “fim da sociedade industrial”, acompanhada por uma crise do trabalho gerada pela reestruturação produtiva. Do ponto de vista político assistimos a ascensão das políticas destinadas a grupos minoritários caracterizados por sexo, raça, etc., que marcam uma fragmentação do debate político no qual o conceito de classe social, que para alguns autores deixa de existir, perde importância no debate político.

Desta forma, muitos dos movimentos sociais que surgiram a partir dos anos 70/80 passam a ser denominados por alguns autores como Melucci (1994) e Touraine (1988; 1999) como os novos movimentos sociais. O que estes movimentos sociais têm de novo para receber tal denominação? Segundo estes, os novos são baseados na cultura e existe uma certa negação do marxismo. Essa negação do marxismo decorre das críticas ao “marxismo ortodoxo” que então existia na ex-URSS e o descrédito que este “socialismo” tinha nas

* Possui graduação em história pela Universidade Federal de Goiás (2006). Especialista em Ciência Política pela UEG (2008), mestre em sociologia pela UFG (2014) e atualmente cursando o doutorado em sociologia na UFG.

sociedades europeias, bem como no movimento estudantil radical dos anos 1960¹, junto com o fato desse regime se esfacelar no fim dos anos 1980.

Logo, com a derrocada do “socialismo real” houve uma mudança na agenda de grupos que atuavam em movimentos sociais, com vários abandonando a perspectiva da transformação social e adotando a luta por causas específicas, como a questão ambiental, o preconceito de raça, reivindicações femininas, etc.

Esta mudança sinaliza para nós de forma bem clara como que a leitura desses novos movimentos sociais é ideológica. Ideologia, entendido por nós como falsa consciência sistematizada por ideólogos. No caso dos movimentos, temas que tinham uma radicalidade nos anos 1960, como o feminismo e os direitos civis, que em muitos casos questionavam a própria sociedade capitalista, foram despolitizados (EAGLETON, 2005) e assumiram posturas reformistas.

O movimento negro é um exemplo dessa tendência. Segundo Callinicos (2007) o racismo surge com o capitalismo, segundo ele não existia na antiguidade algo parecido com o racismo moderno, na antiguidade a escravidão não era por raça, se escravizava por dívidas e guerras de conquista. Desta forma o racismo surge para justificar a escravização de nativos americanos e africanos com o argumento de que eram raças inferiores. Com o fim da escravidão esta ideologia persiste, a manutenção do racismo se dá pela competição social, luta de classes e, em sociedades que viveram o fenômeno da escravidão, como o Brasil, o negro foi integrado na sociedade de classes numa relação de inferioridade. A luta seria por uma integração do negro na sociedade de classes, contudo para o capital era fundamental manter a divisão racial, pois assim podia fragmentar a classe e criar uma divisão entre trabalhadores brancos e negros, e não da classe trabalhadora contra a burguesia.

Depois dos anos 1980 a maioria do movimento negro foi cooptado pelo Estado com as políticas de ações afirmativas, que visava em linhas gerais criar garantias para minorias dentro da precarização do Estado Neoliberal. Logo surgiram muitos autores que defendiam as políticas de cotas e, por tabela atacavam o marxismo, que segundo estes não tinha nada a dizer sobre o racismo (EAGLETON, 2005). Porém, foi o marxismo que ofereceu um referencial na luta dos explorados e, no século XIX o tema do racismo não era tão destacado, quando Marx escreveu sua obra, como no século XX. Logo, a luta contra o racismo se

¹ Não podemos nos esquecer que no maio de 1968 na França houve por parte dos estudantes uma recusa do marxismo-leninismo e uma retomada do marxismo autêntico, bem como o ressurgimento de grupos anarquistas.

desvencilha da luta contra o seu gerador, o capitalismo, e passa a se abrigar dentro do Estado na busca por algumas ações que este possa fazer, mas que não eliminará o problema.

Pelo discutido, fica evidente que os novos movimentos sociais se justificam dentro da dinâmica do capitalismo, e acompanham as transformações econômicas, reestruturação produtiva e estatal com as políticas de orientação neoliberal. Desta forma vamos analisar alguns ideólogos que analisam os movimentos sociais. Tivemos que fazer uma seleção desses autores pelo fato de que suas obras partem dos chamados novos movimentos sociais. E ideólogos porque em suas obras as definições não são claras e as análises são centradas numa recusa ao marxismo. Essa recusa expressa, uma perspectiva conservadora diante dos movimentos sociais e da própria sociedade capitalista.

Alain Touraine e os Novos Movimentos Sociais

O primeiro autor que vamos analisar é o sociólogo Alain Touraine, pois ele possui uma vasta obra dedicada ao debate sobre os movimentos sociais. Apesar dos movimentos sociais serem recorrentes na história das sociedades, como para Tarrow (2009), Touraine afirma que os movimentos sociais estão ligados à sociedade industrial. Assim, existiram movimentos sociais surgidos na sociedade industrial, tal como o movimento operário, e os novos movimentos sociais, da sociedade pós-industrial (TOURAINÉ, 1988). Segundo ele na sociedade pós-industrial os denominados antigos movimentos sociais são substituídos por novos movimentos sociais que se limitam ao âmbito das questões culturais e de identidade.

Segundo Touraine um movimento social surge como resposta a um estímulo social (GOHN, 1994). Para o autor, os movimentos sociais partindo da ação social, lutam contra a discriminação, como no caso do movimento feminista e negro ou, por acesso aos bens da sociedade industrial. A definição por ele elaborada:

Um movimento social é uma combinação de um conflito com um adversário social organizado e de uma referência comum dos dois adversários a um mecanismo cultural sem o qual os adversários não se enfrentariam, pois poderiam se situar em campos de batalha ou em domínios de discussão completamente separados – o que impediria, por definição, tanto o conflito e o enfrentamento quanto o conflito ou a resolução do conflito. (TOURAINÉ, 2006, p.19).

Segundo Gohn (1994) o modelo teórico de Touraine é baseado na cultura e há uma negação do marxismo, tanto que ele fala na diferença entre os movimentos históricos, como o antiglobalização no século XXI (TOURAINÉ, 2006). Movimentos que contestam as elites

dirigentes, dos próprios movimentos sociais que o conflito e o campo de atuação está na cultura. Gohn afirma que, para Touraine, os movimentos sociais se constituem a partir de três elementos constitutivos:

Três elementos constitutivos de um movimento social: o ator, seu adversário e o que está em jogo no conflito. Existiriam três princípios de interpretação dos movimentos sociais-identidade, oposição e totalidade. Eles reagrupam, no âmbito da ação coletiva, as dialéticas de criação a controle, situadas, desta vez, imediatamente no campo dos problemas da sociedade industrial (princípio da totalidade). Isto permite à análise reencontrar, por trás da ação coletiva, o projeto pessoal dos atores individuais (GOHN, 1994, p. 145).

Para Touraine (1988) com a desagregação da sociedade industrial, se forma uma sociedade programada, no qual vemos a decomposição do movimento operário, que se incorpora ao poder do Estado. Claramente se referindo à crise que passava o movimento operário na Europa nos anos 1980. Esta crise do movimento operário decorre do que Touraine coloca da ação do movimento operário com o fim do que ele denomina socialismo, no caso o colapso da URSS. Junto com o processo de reestruturação produtiva em curso na Europa, no qual a adoção do modelo japonês de organização do trabalho. Podemos dizer, ao contrário do que afirma Touraine, que nesse momento ocorre uma ofensiva capitalista, que expõe o enfraquecimento dos sindicatos² integrados no modelo fordista de produção, que a décadas não faziam nada pela classe operária e, diante da expansão do capital oligopolista transnacional, tinham reduzido o seu poder de mobilização e pressão sobre o capital.

Outro aspecto mencionado se refere aos partidos de orientação leninista e socialdemocrata que tinham nas palavras de Touraine (1988) sido incorporados ao poder do Estado. De fato a socialdemocracia que esteve no poder em vários países da Europa após a Segunda Guerra Mundial, não tinha uma perspectiva revolucionária, almejava reformas dentro do capitalismo com o intuito, segundo seu discurso, de conseguir melhorias para a classe trabalhadora. Junta-se o fato de no fim dos anos 1980 o socialismo real (expressão de Touraine) da URSS ruir. Isso fez com que muitas tendências de orientação leninista³, aderissem às posições mais moderadas. Neste ponto, emergiram os chamados novos movimentos sociais, que, segundo Touraine, trazem com si novas demandas que ele

² A passagem do regime de acumulação conjugado para o integral, do ponto de vista do trabalho a transição do fordismo para o toyotismo colocou condições de trabalho inflexíveis para os trabalhadores nos países centrais.

³ O que existiu na Rússia, denominado de socialismo, segundo vários autores existiu um capitalismo de Estado, no qual, através da burocracia bolchevique que tomou o poder estatal e passou a extrair mais-valor e controlar a acumulação de capital, se tornou uma burguesia de Estado que explorava o proletariado e exercia uma ditadura.

identifica nos novos movimentos, os das mulheres, o do desenvolvimento regional autônomo e o movimento ecológico.

O movimento feminista tem como principal bandeira recriar relações cuja norma fora instaurada pela dominação (TOURAINÉ, 1988). Ao contrário do movimento feminista dos anos 1960, no qual uma parte se engajou na luta anticapitalista, como os movimentos que tiveram destaque no período, com o refluxo destas lutas, a tendência associava a questão da opressão da mulher à condição desta na sociedade capitalista, perde espaço para tendências que reivindicam o direito à relação, ao uso do corpo, etc. O desenvolvimento regional autônomo questiona a dita globalização⁴, e as medidas de desregulamentação do Estado bem como a destruição dos direitos sociais e trabalhistas. Por fim, o movimento ecológico, que nos anos 1980 lutava contra a ameaça nuclear, simbolizada pela construção de usinas nucleares em vários países. Também se preocupavam com a destruição de florestas e poluição em geral. Além do combate a governos tecnocratas da sociedade programada. Essas demandas se tornaram as principais bandeiras dos novos movimentos sociais. Segundo o autor:

Do feminismo ao movimento das mulheres, da defesa de uma região em crise a um movimento de desenvolvimento regional autônomo, ou de liberação nacional, do medo da energia nuclear à luta contra o poder nuclear, nesses três casos e em outros, opera-se a mesma passagem de uma ação de defesa para a contestação do poder, da afirmação de uma identidade para a denúncia de uma relação de dominação (TOURAINÉ, 1988, p.138).

Apesar de contestar o poder, os movimentos sociais, segundo Touraine, tem por objetivo ampliar o acesso a bens culturais da sociedade. Na relação de dominação descrita acima, quem é o dominador e quem é dominado? Os dominados são os agentes coletivos que podem, numa sociedade programada, ocupar o lugar que pertenceu ao movimento operário na sociedade industrial? (TOURAINÉ, 1988, p. 119), tenta demonstrar esta tese com a emergência dos novos movimentos sociais. Contudo, essa posição é problemática, pois os movimentos mais recentes que surgiram no mundo questionando as políticas de orientação neoliberal, trazem à tona questões que são decorrentes das contradições da sociedade capitalista e, têm assumido uma postura mais radical, como algumas manifestações do movimento antiglobalização que assumiram posturas libertárias.

⁴ O termo globalização é muito utilizado, contudo acreditamos ser impreciso, visto ser um fenômeno que deve ser denominado neoimperialismo (VIANA, 2009).

Em um texto mais recente, de 1994, Touraine, como outros autores na propalada crise da modernidade, afirma que a crise da sociedade industrial. Ao mesmo tempo aponta que os movimentos sociais tem apontar para a defesa dos direitos culturais e sociais dos indivíduos e das minorias na sociedade programada, segundo ele:

Enquanto os antigos movimentos sociais, sobretudo o sindicalismo operário, se deterioram, seja em grupos de ação política, seja em agências de defesa corporativa de setores da nova classe média assalariada, de preferência a categorias mais desfavorecidas, esses novos movimentos sociais, mesmo quando lhes falta uma capacidade de ação permanente, já deixam transparecer uma nova geração de problemas e de conflitos ao mesmo tempo sociais e culturais. Não se trata mais de lutar pela direção dos meios de produção, e sem sobre as finalidades dessas produções culturais que são a educação, os cuidados médicos e a informação de massa (TOURAINÉ, 1994, p. 260).

Por fim em *Como sair do Liberalismo* (1999) Touraine, já diante de uma realidade na qual o neoliberalismo estava presente na sociedade, apontava suas críticas para o denominado reinado dos mercados e identifica o surgimento de movimentos que ele denominou dos sem, os sem casa, os desempregados, os sem documentos, segundo ele:

Quando se fala de movimentos sociais sem mais especificação, sugere-se que as lutas sociais têm uma unidade, e que está fundada sobre a recusa da política liberal cujas consequências são conhecidas: subordinação da vida social à lógica esmagadora de uma globalização que pesa sobre os salários, aumentos do desemprego, ameaça à seguridade social, enfraquecimento da capacidade de intervenção do Estado (TOURAINÉ, 1999, p. 68).

Fica evidente a crítica ao neoliberalismo. Contudo as categorias utilizadas para fazer esta crítica não oferecem uma alternativa. O autor fala em reprimir a conduta dos grupos mais poderosos, de forma abstrata, além de que essas divisões feitas por ele em relação aos movimentos sociais, espelham, a nosso ver, a fragmentação da classe operária que o pós-modernismo tanto propala. Touraine insiste que os movimentos sociais devem rejeitar os valores da sociedade industrial para acelerar a transição para uma sociedade da informação.

Alberto Melucci e os Movimentos Sociais Contemporâneos

As concepções ideológicas dos movimentos sociais tendem a buscar nestes o componente “novo”, que os diferenciaria dos movimentos “tradicionais”, que seriam ligados à tradição marxista. Alberto Melucci, em sua obra a “Invenção do Presente”, é o segundo autor que trata, a nosso ver, dos movimentos sociais de forma ideológica. Diante de uma

sociedade planetária desigual, os movimentos sociais mostram as dimensões do poder e diante deste os indivíduos e grupos buscam mais autonomia diante do Estado. Segundo o autor:

Quando se fala de um movimento social, refere-se geralmente, a um fenômeno coletivo que se apresenta com uma certa unidade externa, mas que, no seu interior, contém significados, formas de ação, modos de organização muito diferenciados e que, frequentemente, investe uma parte importante de suas energias para manter unidas as diferenças (MELUCCI, 1994, p. 29).

Partindo da ideia de que os movimentos sociais são sistemas de ações, complexas redes de significados produzidos por estes. O movimento social se apresenta de forma que é observável, contudo para Melucci ele é uma construção analítica, desta forma ele identifica a transformação que ocorreu nos anos 70/80 (MELUCCI, 1994). Isso parece confuso quando ele questiona as desigualdades existentes no mundo e aspira a:

Construção de uma sociedade planetária mais igual, assim como de sociedades locais menos dramaticamente dilaceradas pela desigualdade, permanece uma aspiração fundamental para todos aqueles que se interrogam sobre o futuro da nossa espécie e agem pelo bem comum. Mas essa tendência para a justiça e para a equidade deve, hoje, ser sustentada por uma capacidade de análise dos modos como a desigualdade se forma e se mantém em todos os processos sociais e pessoais que nos envolvem. A ideia de que só a mudança das estruturas pode produzir transformações, sem envolver nossos modos de construir, individual e coletivamente, a mesma experiência humana, pertence às ilusões do passado (MELUCCI, 2001, p. 11).

Se os movimentos sociais contêm significados e formas de ação diferenciadas, o que caracteriza os novos movimentos sociais é, segundo ele, a ideia de que a mudança estrutural, almejada pelo marxismo, não faz mais parte das agendas destes movimentos. Segundo o autor os movimentos sociais não são respostas a uma crise, mas expressão de um conflito entre atores que se enfrentam com o objetivo de controlar os recursos da sociedade. Diante deste quadro, os movimentos sociais, segundo Melucci (1994), na sociedade moderna são profetas sem encanto.

Negando a tradição marxista, que via os movimentos como meras expressões de condições estruturais de classe e suas contradições, Melucci retoma nos anos 90 a preocupação dos teóricos norte-americanos por meio de processos os atores constroem suas ações coletivas. Supondo que não é possível estabelecer uma relação linear entre o ator e o sistema, Melucci vê a interação do ator numa ação coletiva como resultado de múltiplos processos e diferentes orientações (GOHN, 1994, p. 158).

O marxismo é visto como a inspiração dos movimentos sociais da sociedade industrial e que na sociedade pós-industrial, para Melucci, as demandas são múltiplas bem como os atores. O autor trata dos movimentos sociais, dos atores, do conflito e em nenhum momento define estes atores. Eles surgiram em uma ação coletiva no qual travam um conflito motivados por demandas que existem na sociedade. Para Melucci, os movimentos sociais atuais abandonaram a inspiração marxista:

A transformação dos movimentos, assim como os conhecemos na época moderna, verificar-se-á um crescimento da capacidade de produzir conflitos e construir identidades coletivas mais transitórias e mais flexíveis, que terão como interlocutor também um sistema transnacional... Os chamados novos movimentos sociais nunca são novos, mas são sempre o resultado de uma sociedade e, na sua realidade empírica, são um composto muito heterogêneo que orientações de níveis diversos de ação. (MELUCCI, 1994, p. 10).

O interessante na sua teoria dos movimentos sociais é que ele diferencia os tipos de condutas que os movimentos sociais contêm, três para Melucci. O primeiro tipo é o de caráter reivindicativo, onde o conflito ocorre no interior de um sistema organizado, no qual o ator coletivo reivindica uma diversa distribuição de recursos no interior da organização, luta por um funcionamento mais eficiente do aparato, mas se confronta com o poder que impõe as regras e as formas de divisão do trabalho (MELUCCI, 1994, p. 41)

O segundo tipo o ator reivindica a ruptura dos limites de participação do sistema político. Neste caso, se luta pela ampliação da participação nas decisões que vão de encontro aos interesses do movimento. Esse ponto é comum nos movimentos sociais que emergiram após os movimentos sociais contestatórios dos anos 1960. O que os movimentos sociais buscam é aumentar a democracia, aumenta a participação dos atores no processo das decisões políticas.

O terceiro tipo, segundo o autor, os movimentos sociais antagonistas, atingem a produção de recursos e questionam os objetivos da produção social. Embora este movimento possa ter um caráter mais crítico da sociedade capitalista, visto que questiona o sistema produtivo, Melucci afirma que a categoria dos movimentos sociais antagonistas é a mais abstrata. Ele deixa claro que nenhum movimento poderá ser apenas antagonista (MELUCCI, 1994, p. 42). Ele fala que não existe movimento antagonista puro, e que este movimento tende a se fragmentar. Concordamos com Melucci quando ele fala da fragmentação e da diversidade dos movimentos sociais, no caso dos movimentos sociais antagonistas. Os

indivíduos aderem ao movimento são de diversas orientações, e o movimento se forma em torno de objetivos em comum.

Porém os atores que ele identifica não têm rostos, não pertencem às classes sociais e não se utiliza de conceitos como exploração, miséria, etc. Embora o autor deixe claro que o marxismo não é a sua orientação teórica, porém não se pode abstrair a realidade. Contudo para analisar os movimentos sociais na sociedade capitalista, não tem como afirmar que as motivações dos movimentos sociais são demandas de setores que não são atendidas. Segundo Melucci, a transformação social é algo do passado e que não ocorrerá. Isso revela seus valores e compromissos e seu discurso contradiz a realidade e também não tem o poder de impedir que se realizem tentativas de transformação como sempre ocorreram na história do capitalismo.

Considerações finais

Esses dois autores, embora com diferenças pontuais são próximos em aspectos que são fundamentais para as suas respectivas análises. Apesar das diferenças, os dois autores possuem um ponto em comum, a negação do marxismo. O marxismo autêntico, que busca a transformação social é ignorado. O marxismo autêntico defende uma sociedade sem as relações de exploração presentes na sociedade capitalista, ao contrário das deformações do marxismo, como o leninismo e a socialdemocracia, que buscam dirigir o movimento operário e apesar se apresentarem como revolucionários servem como discurso para a que grupos consigam chegar ao poder do Estado e, no máximo, contribuir com a reprodução do capitalismo com reformas parciais. Logo, esses autores dizem criticar o marxismo, mas criticam as deformações do marxismo e assim podem apresentar o marxismo como superado e preso ao passado.

Junto com a rejeição do marxismo vêm os o abandono dos conceitos desenvolvidos por eles e que são fundamentais para a análise da sociedade capitalista. Essa sociedade é marcada pelo conflito de classes, especialmente a existente entre as classes fundamentais, na qual a burguesia explora do proletariado através da extração do mais-valor. Essa luta entre as classes fundamentais acaba gerando diversos outros conflitos sociais, envolvendo outras classes sociais e divisões e subdivisões sociais. A luta de classes é fundamental para que possamos analisar os movimentos sociais, pois estes surgem de demandas que são ligadas a uma classe desprivilegiada ou a mais de uma. Os vários movimentos sociais que surgiram

no Brasil nos últimos anos, como passe livre, dos sem teto e outros, são compostos na sua maioria por indivíduos que sofrem os efeitos da exploração da sociedade capitalista

Outro aspecto que une estes dois autores é concordância com as teorias denominadas pós-modernas, que afirmam a superação da sociedade industrial, fim da classe trabalhadora, fim do socialismo, etc. A tentativa de mostrar que os movimentos são atores com demandas diversas, geralmente minorias, como assistimos hoje em movimentos que são cooptados pelo Estado, eles servem para legitimar a sociedade capitalista e suas contradições e, esses autores analisam ideologicamente os movimentos sociais.

Os movimentos sociais geralmente não são revolucionários, pois a transformação social ocorre quando uma classe busca a destruição de uma determinada sociedade e sua substituição por outra. Este não é objetivo dos movimentos sociais conservadores e progressistas. Apenas os movimentos sociais revolucionários defendem isso, mas eles surgem apenas em épocas de crise social, que é quando a hegemonia progressista é substituída pela hegemonia revolucionária. No interior dos movimentos sociais progressistas, existem tendências revolucionárias que podem se tornar hegemônicas e fazer de um movimento social progressista um movimento social revolucionário. Contudo, os movimentos podem ser o estopim para o ressurgimento de tendências revolucionárias que questionam o capitalismo. O movimento antiglobalização, composto, segundo Melucci, por uma heterogeneidade de indivíduos e de demandas, em alguns momentos desenvolveu tendências no seu interior assumiram um caráter radical de protesto contra o capitalismo. A batalha de Seattle foi um dos protestos mais radicais, fomentou o ressurgimento de movimentos contestatórios que emergiram após protestos.

O movimento antiglobalização não pode ser visto como um movimento revolucionário, mais houve o resgate do marxismo autêntico e outras concepções radicais, que eram sufocadas pela ortodoxia leninista. Para o pós-modernismo, a sociedade pós-industrial decretou o fim da sociedade do trabalho e conseqüentemente, para essa ideologia, o fim da “sociedade do trabalho”. Contudo, com a expansão do capital oligopolista transnacional, ou do terceiro mundo, a classe operária é muito maior hoje, mas está fragmentada e, como em muitos países existem regimes que reprimem brutalmente o movimento operário, ou os meios de comunicação não divulgam as manifestações que ocorrem, favorecendo o isolamento e o desconhecimento destes movimentos por grande parte da população.

Como não debatem o conflito que é fundamental na sociedade capitalista, enxergam os movimentos sociais como ações coletivas que buscam o possível. Mesmo quando identificam as contradições que se tornam evidentes na sociedade, como Touraine ao analisar o neoliberalismo, não oferecem uma alternativa para a eliminação do problema, Os “sem” de Touraine buscam lutar contra o abuso de poder dos poderosos, formam um novo movimento social mas que a ordem legal seja mantida.

Referências bibliográficas

- CALLINICOS, A. *Capitalismo e Racismo*. Rio de Janeiro: Editora Barba Ruiva, 2007.
- EAGLETON, T. *Depois da Teoria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GOHN, M. G. *Teorias dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 1994.
- GUNDER FRANK, A. FUENTES, M. *Dez Teses Acerca dos Movimentos Sociais*. In Revista Lua Nova, n.17. São Paulo, 1989.
- HARVEY, D. *O Enigma do Capital e Suas Crises*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MELUCCI, A. *A Invenção do Presente*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- TARROW, S. *O Poder em Movimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- TOURRAINE, A. *Como Sair do Liberalismo*. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- _____. *Crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- _____. *Na Fronteira dos Movimentos Sociais* in Sociedade e Estado. Brasília, v. 21, n. 1. p. 17-28, 2006
- _____. *O Pós-Socialismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.
- _____. *Estado, Democracia e Cidadania*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.
- _____. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Editora Primas, 2016.